

8

Considerações finais

O desenvolvimento desta pesquisa tem como objetivo refletir sobre meu trabalho colaborativo no Setor de Psicologia da escola Saint Francis, no sentido de propor uma prática de manejo de dificuldades socioafetivas que também inclua o professor e, quando possível, os alunos na discussão sobre o processo.

Devido ao caráter interdisciplinar do presente trabalho, a análise realizada pautou-se na abordagem de pesquisa da Prática Exploratória e em alguns construtos da Sociolinguística Interacional. Vale lembrar que a filosofia e os princípios da Prática Exploratória perpassam toda a pesquisa, tanto na atividade reflexiva com a turma (Dinâmica Exploratória), onde psicólogo, aluno e professor são praticantes trabalhando juntos para buscar entendimentos, quanto em minhas reuniões com o professor, nas quais refletimos sobre a qualidade de vida em sala de aula.

A cada Dinâmica conduzida, surpreendia-me com as narrativas dos alunos e desejava incluir novos dados à pesquisa. Aprendi diariamente e fui convidada a partilhar minhas reflexões sobre o trabalho para entender a vida na escola, o sofrimento e as conquistas experimentadas pelos professores e alunos do campo escolar.

O oferecimento da Dinâmica Exploratória revelou-se como a abertura de um espaço de escuta para alunos, professores e psicólogo. As perguntas elicitadas por mim e pela professora não buscavam soluções para o mal-estar do aluno focal, mas sim a sensibilização da turma para a discussão de temas pertinentes para todo o grupo e nem sempre explorados durante a aula. Após a realização desta atividade, cabia ao professor e ao psicólogo continuarem a troca de impressões e reflexões no intuito de irem aos poucos ampliando o olhar frente aos sentimentos, dificuldades, comportamentos e habilidades dos alunos.

Com o objetivo de refletir e verificar de que forma a parceria entre o psicólogo educacional e a equipe pedagógica pode auxiliar os alunos a entenderem e lidarem com seu mal-estar na escola, comecei a gravar as reuniões de trabalho referente aos alunos encaminhados ao Setor de Psicologia Educacional. Analiso as interações discursivas de duas professoras sobre seus alunos focais num momento inicial de indicação do caso ao Setor de Psicologia. Nesta primeira fase de contato do aluno e da professora regente comigo, naquele ano, à medida que conversávamos íamos entendendo mais sobre os sintomas do aluno e sua dinâmica familiar. Durante o processo de escuta e reflexões conjuntas, as professoras também relataram seus impasses na relação com o aluno e construíram pequenas narrativas sobre atividades frustradas e bem-sucedidas. Nestas conversas, a professora e eu, à medida que construímos mais entendimentos sobre o aluno e a relação entre ele e a professora, íamos traçando juntas as possíveis estratégias de atividades que poderiam ser usadas para melhor encaminhar sua aprendizagem.

Posteriormente, convidei três professoras, que participaram deste primeiro momento, para expandir suas reflexões em reuniões realizadas no momento após o processo de investigação sobre o aluno. Ou seja, a segunda reunião com cada professora foi realizada propositalmente alguns meses após o fim do ano letivo. O objetivo era o de possibilitar que eu e a professora refletíssemos sobre o processo de trabalho colaborativo e revisitássemos as reflexões, as estratégias tentadas e quais os entendimentos construídos por nós – enquanto profissionais – e pelos alunos nas Dinâmicas Exploratórias. O intervalo entre o momento no qual a professora estava atuando com o aluno e um momento posterior possibilitou entendimentos mais profundos (*deeper understandings*) sobre o sintoma do aluno e sobre si mesmas. Talvez o fato de a professora refletir sobre sua prática estando um pouco afastada dela e dos embates com o aluno tenha contribuído para tal.

A seguir, discuto as reflexões que as perguntas norteadoras da pesquisa me proporcionaram, com base tanto na fundamentação teórica apresentada, quanto em meus entendimentos sobre a prática profissional no campo da Psicologia Educacional.

1. Como professoras e psicóloga, em reuniões de trabalho, constroem juntas na interação entendimentos sobre o histórico e a natureza do mal-estar do aluno na escola e buscam entender os sentidos dos sintomas?

As reflexões trazidas por La Taille (2009), Bauman (2003, 2007), Fabrício (2006), Kumaravadivelu (2006), Lima (2005), Kehl (2002), nos Capítulos 2 e 3, sobre como as mudanças observadas na sociedade pós-moderna impactam o sujeito e suas formas de construir sua subjetividade, relacionando-se, produzindo e aprendendo, atrelam-se à minha pesquisa de diferentes formas. Primeiramente, pela dificuldade que a instituição escolar, por estar invariavelmente inserida na cultura capitalista da produtividade, enfrenta em manejar os tropeços, falhas, sintomas, disfuncionalidades que atrasam o curso idealizado da vivência escolar. Refiro-me aos percalços do aluno rumo ao seu sucesso acadêmico e nas interações sociais. Tal crítica feita por mim inclui tanto a equipe escolar (e eu mesma como parte da equipe), quanto os pais pertencentes à comunidade. Cabe, então, contextualizar a época em que vivemos e os sintomas com os quais lidamos no dia a dia escolar, interrogando seus sentidos. Trata-se de investigar criticamente como o inconsciente, como o mais singular de cada sujeito, dialoga com as demandas culturais, sociais e institucionais, já que cada sujeito, usando a expressão de Freud (1914), trabalha, ama e sintomatiza de forma própria.

Aliando a filosofia da Prática Exploratória à minha prática, marco que inicialmente o desejo de investigação sobre uma questão socioafetiva pode surgir tanto da instituição, do professor que refere o aluno ao Setor de Psicologia, quanto do próprio aluno ou da família. Questões consideradas “problemáticas”, como o exemplo citado na reunião com a professora Ana (cf. Capítulo 7, subseção 7.5), são tratadas de forma a envolver todos no processo de entendimento e construir formas de atravessamento do mal-estar. O que se busca, portanto, não são soluções fixas, mas a construção de novos caminhos simbólicos junto com os praticantes sejam eles alunos ou professores. A citação abaixo resume o intuito deste trabalho.

Para a Prática Exploratória, o termo *puzzle* representa nossa preocupação em desenvolver entendimentos sobre questões de interesse imediato, independentemente dessas serem ou não

questões problemáticas ou se as conectamos com a teoria. O que importa é que alguém é suficientemente interessado em algo para ficar seriamente intrigado com aquilo e, desta forma, disposto a trabalhar para tentar entendê-las. (ALLWRIGHT; HANKS, 2009, p. 16, tradução nossa).

Retomando a metáfora de Bauman (2003), apresentada no Capítulo 3, a ação do peregrino é movida pelo desejo, pelo apetite de sentido e significação; a ação do turista reserva pouco espaço para a construção de novos sentidos para sua vida. Enquanto o sucesso da viagem do turista depende de seu cartão de crédito e da concretização de seus planos de viagem, o sucesso da viagem do peregrino depende essencialmente dele. O peregrino sabe que o que quer que aconteça na viagem, de prazeroso ou desprazeroso, a responsabilidade terá sido sua. Ele está ciente de que colherá ônus e bônus a partir da forma como lida com os outros e com as situações que se apresentam diante de si. Seu medo é o de falhar consigo próprio, de ter se enganado de meta. Em oposição, o medo do turista é o de falhar perante o outro. Se a viagem não tiver sido boa, ele facilmente imputará a responsabilidade a outrem ou a alguma peripécia do destino.

Nesta trilha, acredito que o caminho para fazer valer este discurso do respeito e da responsabilização na escola deva incluir todos os praticantes — alunos e comunidade escolar — e deva passar pela formação ética, não necessariamente como conteúdo didático, mas principalmente no convívio diário com os membros da instituição.

Concluí que as reuniões de trabalho suscitaram reflexões sobre a gravidade dos sintomas psíquicos do aluno e sobre a extrema importância da parceria família-escola. Além disso, apontaram para uma questão contemporânea denominada “medicalização da infância”, na qual o discurso do sujeito tende a ser silenciado e a oportunidade de reflexão sobre o mal-estar pode ser tamponada pelo medicamento, causando efeitos danosos para o mesmo. Esta reflexão, pautada pelos princípios da Prática Exploratória e pelo referencial teórico da Psicanálise, inclui um cunho diagnóstico e é também uma oportunidade de circulação da palavra para acolher o sofrimento que perpassa o aluno e o professor na escola, não tentando extirpá-lo.

No que diz respeito às interações entre as professoras, os alunos e mim, pude aprender que, ao refletir sobre o que causava o mal-estar, todos os

envolvidos na tarefa teceram entendimentos acerca do que causava o seu bem-estar e o bem-estar de seus pares. Defendo, hoje, que este processo de investigação, monitoramento e escuta constante pode gerar mais qualidade de vida no dia a dia escolar, uma vez que tal qualidade está intrinsecamente ligada à qualidade das ações discursivas da equipe pedagógica e dos alunos.

2 Como, a partir das reflexões surgidas nas reuniões de trabalho, as professoras e a psicóloga poderão intervir a fim de oferecer suporte ao aluno?

Nos textos de 1999 e 2010, Kupfer faz uma provocação apontando que o professor poderá tratar de seu aluno. Discorrendo sobre este tema, a autora menciona que o educador deve estar preparado para “incluir a consideração do sujeito em seu ato de educar” (KUPFER, 1999, p. 37). Nesta pesquisa interdisciplinar, aproprio-me desta analogia trazida por Kupfer (1999) sobre o educador que trata. Tratar aqui é sinônimo de acompanhar, cuidar, acolher, oferecer os limites necessários para a que o aluno consiga por em palavras sua angústia, seu mal-estar e seus tropeços. Educar, nessa perspectiva, significa escutar e oferecer instrumentos para o sujeito em sua busca por dizer sobre si e sua angústia. Significa também não se deixar levar por diagnósticos estanques, mas escutar sua singularidade ainda que o rótulo exista, mas ir para além de uma descrição, e construir, com o sujeito, pistas possíveis sobre ele próprio.

Concordo com Kupfer que não é necessário que o educador curse Psicologia para ser capaz de oferecer este acolhimento, ele poderá “tratar” de seu aluno à medida que reconheça algo singular no sujeito que educa. Proponho que é na parceria de trabalho com o psicólogo que isso se faz possível, tornando o trabalho e as intervenções frutíferas para ambos os profissionais. Esta pesquisa caminhou, portanto, na contramão da corrente psiquiátrica dos manuais psicopatológicos, ao instaurar um espaço de reflexão partilhado com a equipe escolar. Refutam-se os saberes prontos dos manuais em prol das indagações, descobertas, surpresas e construções de sentido na estrada da linguagem.

Assim, para Kupfer (1999), o tratamento psicanalítico se fará necessário quando a educação estiver esgotado seus recursos no interior do laço educativo,

dentro e fora da escola. A autora aponta que muitas ações educativas nesta perspectiva visam separar o sujeito de sua alienação ao Outro, fornecendo condições para que ele possa articular suas ideias. Estas articulações ou relatos podem ter valor terapêutico. O que foi possível observar em alguns trechos das narrativas dos alunos nas Dinâmicas Exploratórias no Capítulo 6. Assim, algumas ações educativas podem configurar-se como forma de tratamento da angústia.

Psicólogo e professor integram a prática pedagógica e a atitude investigativa a partir das atividades reflexivas com potencial terapêutico (ARPT), desenvolvendo ações que estimulam a inovação, a inventividade e a interação dos pares. “Ainda que as dimensões humana, técnica e cultural sejam parte integrante dessa ação, a dimensão política de formação integral do cidadão constitui o seu foco” (MILLER e BRANDÃO, 2015). As autoras concordam com Prabhu (1992) ao sublinharem a “urgente necessidade de se prestar atenção a questões éticas e de relacionamento interpessoal entre aqueles que convivem nas escolas”, isto é, à qualidade de vida dos professores e dos alunos em sala de aula e daqueles que também convivem com eles fora dela.

Acredito que o professor de orientação crítica e o psicólogo educacional de orientação psicanalítica tenham funções éticas semelhantes: descristalizar sentidos ‘pré-definidos’, reintroduzindo, pela linguagem, o equívoco e a reflexão. Para Allwright (2000), não se trata de generalizar dúvidas ou queixas, mas investigá-las uma a uma, transformando-as em questões instigantes (*puzzles*), que possam gerar uma discussão rica para todo o grupo e impulsionar cada participante a construir novos sentidos diante de impasses ou conflitos. Face aos pontos até aqui desenvolvidos, resta-me afirmar que a responsabilidade ético-social é um tema que perpassa os dois campos de saber aqui investigados.

Como entendimentos viabilizados, sublinho a expansão do trabalho colaborativo entre psicólogos e professores como forma de refletir de maneira mais crítica, gradual e atenta sobre o sintoma socioafetivo do aluno. Muitas vezes, em sua observação solitária e falta de troca com a equipe, o psicólogo pode deixar de construir entendimentos sutis sobre o caso que trata.

Observo, a partir dos dados construídos nas reuniões de trabalho, a criação de um espaço de elaboração discursiva para os participantes da interação escolar. A interação com as professoras nas reuniões foi muito pertinente para a

identificação dos possíveis pontos de irrupção das crises do aluno e no planejamento de atividades para o desenvolvimento de habilidade socioafetivas.

Nesta direção, o trabalho interdisciplinar entre professor e psicólogo contribui para a formação de professores, no sentido de desenvolver uma atitude permanente de reflexão que vai além da formação acadêmica e pedagógica, atingindo as múltiplas dimensões que dizem respeito à qualidade de vida na escola.

Aos que já têm a prática de refletir sobre seu fazer profissional, almejo que o Setor de Psicologia seja visto como um espaço aberto de construção colaborativa sobre os alunos. Aos que ainda não a têm, desejo instigar o desejo de saber mais, entender mais, trocar mais.

Ao viabilizar um espaço de reflexão e uma tentativa conjunta de manejo, psicólogo e professor discutem questões que afastam a criança de seus pares, como a pulsão agressiva e as inibições, mas também discutem virtudes como cooperação, solidariedade, empatia, companheirismo e gentileza, pontos que a aproximam deles. Segundo La Taille (2009), é importante que a escola possa contribuir para formar pessoas capazes de resolver conflitos coletivamente, pautados pelo respeito a princípios discutidos pela comunidade. A construção deste *ethos* de acolhimento, a partir de uma ação conjunta com a equipe, em prol da qualidade de vida na escola, é o que acredito ser minha contribuição para o fortalecimento dos laços de ética e respeito na escola.

3. De que forma as reuniões entre psicóloga e professoras propiciam reflexões sobre a prática profissional de cada uma das praticantes?

Percebo, como praticante-psicóloga, este trabalho como uma fonte de aprendizagens, trocas, desafios, possibilidades de reflexão sobre minha prática institucional a partir de um referencial colaborativo. Entendo que o trabalho colaborativo não é tarefa fácil, mas, quando conduzido de forma séria, pode contribuir imensamente para tornar a escola lugar de instrumentalização simbólica e construção de autonomia, tanto para os alunos quanto para o restante da equipe escolar. Continuo minha jornada, revendo minha própria prática, instigando

questionamentos, problematizando certezas, na esperança de que estas inquietações e *puzzles* continuem a emergir no campo escolar.

Avaliando todo o processo da pesquisa, vejo claramente como as noções da Sociolinguística Interacional me auxiliaram a perceber as sutilezas da interação discursivas numa reunião de trabalho. Acostumada à escuta psicanalítica e a fazer anotações sobre o que me era narrado em sessão pelo paciente, observo que o tipo de análise mais macrodiscursiva desconsiderava algumas pistas discursivas importantes para o entendimento do que está acontecendo no exato momento da interação. Assim, como o linguista, o psicanalista analisa a construção de sentidos, mas se pautando em outras ferramentas. Concluí que a junção desses dois tipos de ferramentas discursivas é muito frutífera.

Da mesma forma, trabalhar com as noções da Prática Exploratória em parceria com os professores foi muito importante para me lembrar que, além de psicanalista, sou uma psicóloga trabalhando na escola com os alunos, com a equipe, com os professores e com os pais. Ocupar este lugar híbrido não é nada fácil. Ajudar o atravessamento do mal-estar sem invadir o sujeito e, ao mesmo tempo, acolhê-lo quando ele mesmo decide remexer o baú do inconsciente, pois nunca se sabe o que sairá de lá.

Alinho-me à Caldeira (1993 *apud* CUNHA; KRASILCHIK, 2000) quando defende que a formação continuada não se esgota somente em cursos de atualização, mas deve ser encarada como um processo construído no cotidiano escolar de forma constante e contínua. Ao ter estabelecido uma interface com os princípios da Prática Exploratória, percebo que criei oportunidades para os praticantes envolvidos investigarem a si mesmas. Para os professores, alunos e para mim mesma como praticante, este processo foi uma oportunidade de investigação sobre nossa agentividade nas relações cognitivas, sociais e afetivas conscientes e inconscientes estabelecidas no cenário da escola.

Os dados analisados revelam que a escolha metodológica interdisciplinar foi muito profícua, pois motivou a construção de reflexões colaborativas sobre nosso papel como profissionais. Ana, Luiza, Laura e Fabiana, participantes das reuniões individuais, embora sejam profissionais da área de Pedagogia, puderam, junto com as indagações da Psicologia, rever suas concepções, reavaliar posturas teóricas e práticas e construir junto comigo novas formas de entendimento e atuação com seus alunos.

Em outras palavras, é necessário lembrar que a observação e a escuta do profissional que atua junto ao aluno diariamente só vem somar aos meus conhecimentos prévios de Psicologia Clínica infanto-juvenil. Apenas após a reunião de trabalho com os professores e observações do aluno, sinto-me eticamente confortável para decidir sobre formas de atuação junto ao aluno utilizando os instrumentais da Psicologia.

Considerando os estudos sobre a agência (AHEARN, 2001), proponho que a agentividade no campo escolar diga respeito à responsabilização e iniciativa do praticante pelos caminhos e descaminhos do processo ensino-aprendizagem. No caso do professor e do psicólogo educacional, a agentividade relaciona-se com sua disponibilidade em escutar o aluno em seu caráter mais singular e buscar formas não generalistas de intervenção.

Uma das formas de análise da agentividade no discurso oral das professoras foi identificar como as mesmas falavam sobre suas próprias ações, sobre os comportamentos dos alunos, profissionais externos e família, como atribuíam responsabilidade aos eventos e como descreviam seus processos de tomada de decisão diante de uma tentativa de suporte ao aluno. Esta forma de análise é descrita por Ahearn (2001) como discurso meta-agentivo e pode ser encontrada nas narrativas de “episódios e trajetórias da queixa escolar” contempladas no primeiro momento de análise das reuniões (cf. Capítulo 7). Em tal direção, o trabalho interdisciplinar entre professor e psicólogo contribui para a formação de professores, no sentido de desenvolver uma atitude permanente de reflexão que vai além da formação acadêmica e pedagógica, atingindo as múltiplas dimensões que dizem respeito à qualidade de vida na escola. Abaixo seguem os questionamentos surgidos nas reuniões:

1. Qual a maior dificuldade cognitiva apresentada por este aluno (atenção, concentração, memória, linguagem, coordenação motora)?
2. Qual a maior dificuldade socioafetiva apresentada por este aluno?
3. Você consegue identificar momentos-gatilho onde as dificuldades se presentificam?
4. O conflito cognitivo interfere no conflito socioafetivo? De que forma?

5. Quais as competências cognitivas e/ou socioafetivas⁶⁶ o aluno pode se beneficiar em desenvolver?
6. Qual a sua principal dificuldade como professora em dar suporte ao aluno?
7. A dificuldade do aluno tem impacto na turma? De que forma?
8. Em quais disciplinas ou atividades o aluno apresenta mais dificuldades?
9. Quais os tipos de estímulos motivam o engajamento do aluno: visuais, cinestésicos, auditivos ou verbais? (PRITCHARD, 2009).
10. Quais os tipos de relações o aluno trava com seus colegas e professores (colaboração, apoio, interesse, egoísmo, respeito, agressividade, competição, etc)?

Tais questionamentos auxiliaram as professoras participantes da pesquisa a refletir criticamente sobre o modo de lidar com os conflitos apresentados por seus alunos. A ação de problematizar tais questões pode favorecer novas formas para o professor se conectar com os alunos, tanto no campo cognitivo, quanto no campo socioafetivo.

Com base neste estudo, no que diz respeito às contribuições para a área de estudos da linguagem, acredito que esta pesquisa poderá estimular que as interações das reuniões de trabalho entre psicólogo e professor ocorram com frequência no âmbito educacional, a fim de abrir o campo de escuta pedagógica, ou seja, o campo de conexão do profissional da escola com o aluno, tornando mais fácil ajudá-lo a manejar uma questão de nível psíquico. Da mesma forma, enfatizo o valor de incluir o professor na dinâmica de grupo denominada, por mim, de Dinâmica Exploratória — uma dinâmica híbrida, que mistura elementos da Psicanálise e da Prática Exploratória.

Para a área da avaliação educacional, espero que a partir desta pesquisa outros profissionais da área entendam que é possível e altamente desejável envolver o psicólogo educacional e o professor no trabalho de entendimento de questões socioafetivas do aluno como dois *experts* em suas áreas trabalhando em

⁶⁶ Como exemplos de competências cognitivas, podemos citar interpretar, refletir, pensar abstratamente, generalizar aprendizados, memorizar. Já algumas competências socioafetivas seriam a resiliência, maleabilidade, boa capacidade de socialização, cooperação e respeito (WISEMAN, 2008).

parceria no contexto escolar; e não de forma segmentada. Se a Educação visa instrumentalizar cognitivamente os sujeitos para que estes sejam mais autônomos e capazes, espero que, no futuro, também se possa, com a parceria da equipe e dos pais, oferecer, a partir da reflexão e da palavra, instrumentos para que os praticantes possam reconhecer e entender seus sintomas e dificuldades com a ajuda de outros praticantes. Desejo que estes passem a experienciar a escola como um lugar de qualidade de vida que se (re)constrói a partir do olhar, da escuta e da ação do outro.

Mia Couto (2005) utiliza a metáfora da escola como um barco, dando acesso a outros mundos. Finalizo este trabalho desejando que as pontes que unem Psicologia e a Educação se tornem mais curtas ao longo dos anos.